

# Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro brasileiros

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

## RESUMO:

Este artigo investiga a cultura material de matriz africana, focando na coleção de trajes de candomblé do Ilê Axé Iyá Nassô Oká, entre 1943 e 2004, doados ao Museu do Traje e do Têxtil. Apresenta uma perspectiva decolonial nas análises de gênero, corpo e sexualidade, destacando distorções linguísticas e a hierarquia no candomblé. A filosofia africana e o mulherismo são abordados para compreender as experiências de mulheres negras. O estudo enfatiza a importância do corpo na liturgia e a pluralidade identitária nas práticas candomblecistas, além de examinar a influência de figuras como João da Goméia.

**PALAVRAS-CHAVE:** candomblé, decolonialidade, corpo, gênero, mulherismo, lorubá.

## ABSTRACT:

This article investigates African material culture, focusing on the candomblé clothing collection from Ilê Axé Iyá Nassô Oká, from 1943 to 2004, donated to the Museum of Clothing and Textiles. It presents a decolonial perspective in gender, body, and sexuality analyses, highlighting linguistic distortions and hierarchy in candomblé. African philosophy and womanism are addressed to understand the experiences of black women. The study emphasizes the importance of the body in liturgy and the plurality of identities in candomblé practices, as well as examining the influence of figures like João da Goméia.

**KEYWORDS:** candomblé, decoloniality, body, gender, womanism, Yoruba.

# **Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros**

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Este artigo parte da pesquisa de doutoramento em desenvolvimento no Programa de Pós Graduação em Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade de Brasília que versa sobre a cultura material de matriz africana com atenção especial à coleção de trajes de candomblé, usados entre 1943 a 2004, do Ilê Axé Iyá Nassô Oká, Terreiro da Casa Branca, e doados ao Museu do Traje e do Têxtil, 2010, em Salvador, Bahia. Nesse recorte, identificamos contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros apresentando gênero, corpo e sexualidade como categorias de análise. Destacamos as distorções interpretativas ou adaptações linguísticas do lorubá como imposição do projeto colonizador que transpôs poderes constituídos na sociedade com base no sexo ou na sexualidade para a hierarquia do candomblé. Optamos por bases teóricas voltadas à filosofia africana que consideram práticas anteriores ao processo de colonização, tanto na África como no Brasil.

De acordo com Banza Mwepu Mulundwe & Muhota Tshahwa (2007: 9 - 10) a filosofia africana nasce desde o dia que a pessoa começa a falar, a questionar a condição humana e a “encontrar as respostas sob várias formas e modos de expressão que diversificam os mitos, os ritos, as crenças (ideias) e as práticas (instituições, usos, costumes e técnicas)”. Nasce, portanto, “da interpretação e releitura dos signos: mitos e símbolos” que sempre estiveram presentes nas sociedades africanas. O mito “contém e veicula um determinado conhecimento e uma concepção de mundo e de ser humano, isto é, uma cosmologia, uma cosmogonia e uma antropologia”. Dessa forma, “cada sociedade desenvolve suas crenças: seus mitos, suas religiões, suas ideologias e sua própria cultura.”

Por esse caminho, convergências da África contemporânea buscam possibilidades de estudos com base na etnofilosofia (MBITI 1990; WIREDU, 2002; MULUNDWE & TSHAHWA, 2007), bem como nas teorias que cercam a vertente mulherismo. (OYÈWÙMÍ, 2004; EBUNOLUWA, 2009). Essa vertente “pretende

# **Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros**

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

interpretar globalmente as experiências das mulheres negras” devido às insuficiências do feminismo das mulheres brancas que se baseia no gênero e tem sido colocado como teoria global. (EBU - NOLUWA, 2009: 1).

Oyèronké Oyèwúmi (2004: 2), observou que as pesquisadoras feministas “usam gênero como modelo explicativo para compreender a subordinação e a opressão das mulheres em todo o mundo” de modo a assumir as categorias “mulher” e “subordinação da mulher” como universais sem observar que gênero é uma construção sociocultural. O feminismo é, pois, a fragmentação da categoria mulher, o sujeito do feminismo. O feminismo deseja o desaparecimento da mulher tal qual a categoria é vista, mesmo que esta (a mulher) nunca tenha existido como um sujeito unificado. Este sujeito é definido a partir da identidade da mulher esposa nuclear, por isso, “seu desaparecimento pode não ser lamentável”.

ta como uma família não -generificada”, nos quais os papéis de parentesco não são especificados por gênero e sim codificados pela antiguidade, princípio ordenador fundamental baseado na idade relativa, o que torna a centralidade do poder mais difusa. “O princípio da antiguidade é dinâmico e fluido; ao contrário do gênero, não é rígido ou estático. [...] Daí as palavras egbon, referente ao irmão mais velho, e aburo para o irmão mais novo”, independente do gênero. A categoria oko, “que normalmente é registrada como o marido em inglês, não é especificada por gênero, pois abrange ambos, machos e fêmeas”. Omo (a criança), “é melhor traduzida como prole”, de modo que “não há palavras que denotem individualmente uma menina ou um menino”. Já a categoria lyaô (esposa) que também não tem gênero especificado, refere -se a uma função de subordinação e uma etapa intermediária até lyá (mãe), categoria mais desejável pelas mulheres pelo poder político e estruturador que exercem na organização social de suas comunidades. (OYÈWÚMI, 2004: 6).

# Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro brasileiros

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Sobre teorias do corpo e sujeitos africa - nos, Oyèronké Oyèwúmi (1997: 8) evidencia a dificuldade que os pesquisadores ocidentais têm de compreender a categoria gênero para os africanos. Nas narrativas ocidentais, observa-se uma centralidade do corpo dividido em duas amostras, dois sexos, duas categorias persistentemente confrontadas que elaboram diferenças hierárquicas na sociedade. Nesse pensamento, ainda que a sociedade seja vista “como habitada por corpos, apenas as mulheres eram percebidas como corporificadas; os homens não tinham corpos – eram mentes caminhantes”. O binarismo opositor entre o corpo (a mulher) e a mente (o homem) é o princípio da construção da masculinidade, pois nenhuma diferença é elaborada sem corpos posicionados hierarquicamente.

Ao pensamento racional soma-se a supervalorização do corpo a partir de bases biológicas opostas e hierarquizantes que validam a idéia de que a mente é forte, mas a carne é fraca, de modo a apontar o corpo como armadilha a ser vigiada. Essa anulação se dá a partir do corpo do outro, pois o corpo é melhor percebido (avaliado e criticado) quando é do outro. Esse corpo não é apenas individual, na medida em que está implicado na construção de categorias e epistemologias sociopolíticas constituindo também corpos políticos, corpos sociais, corpos culturais, etc. Dessa forma, diferentes corpos consagram hierarquias na medida em que diferenças e hierarquias consagram corpos.

Como exemplo, Oyèwúmi destaca a confusão que cerca a identidade sexual de Òdùduwà, entidade progenitora em todo o território Iorubá, que figura como “mãe”, o princípio criador e gerador do mundo, mas também é chamada de “senhor” ou de “marido”. A “confusão” está presente também na compreensão do termo Oba, que significa “governante”, sem identificação de gênero, e passou a ser associado a rei, categoria masculina, nos discursos Iorubá [re]criados a partir da colonização europeia. (Oyèwúmi 1997: 42). Gênero como categoria de análise está na pauta dos

# **Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro brasileiros**

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

discursos lorubás contemporâneos e sua importância não está no artefato e sim na forma de interpretação e organização do mundo.

Wanderson Flor Nascimento (2016: 153) parte do princípio de que “as heranças africanas nos candomblés não são baseadas em binarismos ontológicos”, o que se expressa no conjunto cosmológico de crenças, lendas, mitos e ritos. Na cosmovisão africana o corpo é um conector fundamental entre as “partes da mesma cabeça” ou as múltiplas “dimensões do mesmo mundo, uma vez que só existe porque outros corpos existiram antes”. Para além de território do sagrado, o corpo é, ele mesmo, parte do sagrado, pois carrega as marcas constitutivas da nossa existência através da memória, dos acordos e das alianças estabelecidas. Essa duplicidade do corpo forma um todo, ao contrário do binarismo opositor que separa partes de sistemas complexos.

A palavra ori (cabeça) + xá (dono) = orixá (o dono da cabeça), estabelece a relação da divindade com o corpo em que se manifesta. Porém, essa relação é mais complexa, primeiro porque um orixá pode ter diversas qualidades distintas, segundo porque cada pessoa pode ter mais de um orixá como guardião da cabeça, pelo menos três (de frente, esquerda e direita), juntando-se a estes, os seus Eledás, orixás ancestrais da família ou do terreiro. Essa pluralidade de concepções sobre a personalidade humanas amplia as formas de identificar os indivíduos e incluí-los na sociedade, uma vez que nesta há espaços para muitas identidades.

Em função de seu caráter iniciático, o candomblé se expressa publicamente através das festas, o que faz com que conheçamos melhor a exuberância das vestimentas, os cânticos e as danças. Entretanto, “há muito mais na constituição dos candomblés que sustenta aquilo que, apenas nas bordas, visualizamos publicamente”. Dessa forma, o segredo é o fundamento mais profundo, pois é ele que garante o corpo presente no culto e o aprendizado de forma vivenciada com a integralidade da cosmologia lorubá. (NASCIMENTO, 2016: 159).

# Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Nesse sentido, o candomblé é uma liturgia principalmente corporal e gestual e essa concepção somática é, de acordo com Muniz Sodré (1997: 33), “o primado do corpo na singularidade do ser humano”, pois exclui os registros profundos psicossomáticos, bem como a dominação da representação escrita, diferentemente das noções de individualismo introjetadas na mentalidade ocidental, uma vez que o transe, na liturgia Ketu, “reivindica a presença concreta do indivíduo”, tanto quanto do seu Orixá.

No candomblé, Abiyan (aquele que tem parentesco por afinidade) é o grau pré-iniciático. Iyaô diz respeito ao filho ou à filha de santo recém iniciado, sem distinção de sexo ou gênero. Se o iniciado for comprometido e fizer suas obrigações religiosas em dia, essa fase dura em torno de sete anos, tempo que o/a Iyaô deve se concentrar no aprendizado sobre o terreiro e o candomblé de modo geral. Nessa fase, de acordo com Maria Stella de Azevedo Santos (2010: 41), Mãe Stella de Oxossi, Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá, o/a Iyaô “tem que aprender a dançar, cantar, responder aos cânticos comportar-se com dignidade e simpatia”, lembrando sempre que “hoje é o filho, amanhã, quem sabe?” Pode ser mãe ficou implícito.

Iyalorixá é o cargo máximo do terreiro de candomblé. Sua principal responsabilidade é cuidar do Egbé, a sociedade (ou associação) do terreiro e guardar o Axé, energia ancestral com poder realizador. Essa é a maior evidência da transposição do poder feminino Iorubá para o Brasil via diáspora. No candomblé, é o cargo que determina a hierarquia religiosa e a posição ou função que a pessoa ocupa no Egbé.

Agimuda (ou Ajimuda) é um cargo específico das filhas de Oyá na Casa Branca e foi ocupado pelo conhecido Ojé Ladê, Martiniano Eliseu do Bonfim (1859 – 1943), no Ilê Axé Opô Afonjá, terreiro descendente da Casa Branca. Este é um caso no candomblé em que o cargo não estabeleceu dualidade opositora entre os corpos,

# Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

pois priorizou o caráter da pessoa na comunidade a partir de sua participação, independentemente do gênero. De acordo com Marcos Santana (2009), Martiniano foi pintor, pedreiro, professor de línguas (inglês e ioruba) e Babalaô. Nascido em Lagos, Nigéria e estabelecido na Bahia, destacou-se pela fluidez no trânsito entre os Nagôs da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e costa da África estabelecendo relações comerciais importantes para a organização social e religiosa dos terreiros.

a concepção do matriarcado afro-brasileiro organizado em torno do culto aos orixás nos candomblés da Bahia em A Cidade das Mulheres de Ruth Landes (2002: 326), afirmando que “é praticamente impossível encontrar homens em xirês nos terreiros nagôs”. A negativa tinha conotação de denúncia da ascensão de cultos afro-brasileiros que assimilavam a cultura indígena, sobretudo nos chamados Candomblés de Caboclos, na maioria dos casos liderados por homens, muitos deles homossexuais.

Apesar de Martiniano não dar nomes no relatos registrados por Landes, Elizabeth Castelano Gama (2012: 49 - 50) identificou que o sacerdote se referia, em especial, a João da Goméia (1914 -1971) que atuava como liderança religiosa em Salvador e permitia que “homens dançassem para os deuses” o que era considerado uma blasfêmia pelos candomblés tradicionais da Bahia. João da Goméia foi apontado a Landes por Edson Carneiro, em 1938, como “um simpático e jovem pai congo [...] que quase nada sabe e que ninguém leva a sério”. Pondera, porém, que o homem que “todos sabem que é homossexual, pois espicha os cabelos compridos e duros”, é “um excelente dançarino e tem certo encanto”. (LANDES, 2002. apud. GAMA, 2012).

A cisma de pesquisadores e sacerdotes do tradicional candomblé baiano em relação à presença de homens na feitura de santo e no sacerdócio partia da compreensão de que o transe, como ato de possessão do corpo, só deveria ser experimentado por mulheres, as “es- posas” (na tradução literal de Iyaôs) do Orixá,

# **Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro brasileiros**

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

numa clara adaptação interpretativa da língua ao sistema patriarcal que se baseia no binarismo opositor homem-mulher. Evidencia ainda, masculinismos apreendidos para além do candomblé que são transpostos para a estrutura hierárquica dos terreiros.

Para além da liberdade com sua sexualidade, João da Goméia era criticado pelas danças na estética do candomblé no seu terreiro, instalado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, após sua transferência de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1942. As críticas mais pontuais decorriam do uso da vestimenta sagrada em apresentações artísticas que simulavam os rituais de candomblé em boates ou eventos. Igualmente, substituiu tecidos africanos que eram adquiridos em Lagos, na Nigéria, por peças mais delicadas como o cetim e a organza, de fácil aquisição no comércio local.

Não raro, João da Goméia se destacava nos jornais, especialmente durante o carnaval carioca quando se envolvia com desfiles de fantasias e escolas de samba. Em 1955, desfilou na Imperatriz Leopoldinense fantasiado de ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Em 1956, se travestiu de Arlete num desfile de travestis no Teatro João Caetano, o que causou divergências com os praticantes da Umbanda do Rio de Janeiro que ameaçaram expulsá-lo da Federação Espírita de Umbanda. Questionado se sua fantasia de vedete não chocaria os praticantes do candomblé, responde prontamente que não, pois têm permissão de seus guias espirituais. Complementa ainda que "os Orixás sabem que a gente é feito de carne e osso e toleram, superiormente, as inerências da nossa condição humana, desde que não abusemos do livre arbítrio". (O Cruzeiro, março de 1956. apud. GAMA, 2012: 169). Em 1966, João da Goméia entrou no baile de carnaval do Teatro Municipal do Rio de Janeiro vestido de Cleópatra, carregada por homens musculosos.

Com o sucesso e visibilidade, João da Goméia foi acusado de fazer macumba pra turista ver. Primeiro, por não rejeitar a divulgação e tradução de sua

# **Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro-brasileiros**

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

religião em termos de arte e cultura acessível ao público. Segundo, por tirar proveito econômico de seus serviços religiosos ou artísticos. No final da década de 1960 se filia ao Terreiro de Mãe Menininha do Gantois, na Bahia, uma realização como sacerdote, já que desejou o reconhecimento de sua ancestralidade Nagô desde o início de sua trajetória no candomblé. Em 1967 seu nome já estava consagrado nacionalmente com o preposto de Rei do Candomblé carioca. Fez de seu corpo um discurso estético e dos saberes nele constituídos, seu ofício e sua arte.

Se o corpo é o templo consagrado ao orixá, a roupa é o invólucro que identifica a presença do divino neste corpo e no espaço que ele habita estreitando a convivência entre humano e sagrada. É no corpo em plena vida que o orixá se manifesta para confraternizar e confirmar a importância da ancestralidade. Assim, pautamos gênero, corpo e sexualidade como chaves decoloniais importantes para o assentamento da língua e da cosmologia lorubá no cerne das questões que envolvem a diáspora africana e os legados afro-brasileiros.

## **Referências**

EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. Feminismo: a busca por uma variante africana. Tradução para uso didático de EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. *Feminism: The Quest for an African Variant. The Journal of Pan African Studies*, vol.3, n.1, 2009, p. 227-234, por Luana Cristina Muñoz Roriz.

GAMA, Elisabeth Castelano. Mulato, homossexual e ma- cumbeiro: que rei é este? Trajetória de João da Goméia (1914-1971). UFF: Departamento de História, Niterói, 2012. (dissertação de mestrado).

LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres*. 2ª Ed.: UFRJ: Rio de Janeiro, 2002.

# Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro brasileiros

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

MULUNDWE, Banza Mwepu; TSHAHWA, Muhota. Mito, Mitologia e Filosofia Africana. Tradução para uso didático de MULUNDWE, Banza Mwepu; TSHAHWA, Muhota. Mythe, mythologie et philosophie africaine. Mitunda. Revue des Cultures Africaines. Volume 4, Número especial, octobre 2007, p. 17-24 por Kathya Barbosa Fernandes e Aurélio Oliveira Marques.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. Ensaios Filosóficos, Volume XIII – Agosto/2016.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. The invention of women: making an African sense of western gender discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento.

\_\_\_\_\_. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 Tradução para uso didático por Juliana Araújo Lopes.

SANTANA, Marcos. Martiniano Eliseu do Bonfim: um príncipe africano na Bahia. Ed. Aramefá: Salvador, 2009. Cadernos de Memória, v. I.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. Meu Tempo é Agora. 2ª Edição: Assembléia Legislativa da Bahia, Salvador, 2010.

SODRÉ, Muniz. Corporalidade e liturgia negra. Revista do Patrimônio: IPHAN, nº 25, 1997.

WIREDU, Kwasi. As religiões africanas desde um ponto de vista filosófico. Trad. WIREDU, Kwasi. African Religions from a Philosophical Point of View In:

# **Gênero, corpo e sexualidade na diáspora africana: contribuições decoloniais para estudos afro brasileiros**

MARIJARA SOUZA QUEIROZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

TALIAFER- RO, Charles; DRAPER, Paul; QUINN, Philip L. (eds.). A Companion to Philosophy of Religion. Second Edition. Malden; Oxford; West Sussex: Blackwell, 2010, p. 34-43. Tradução para uso didático de Ellen T. de

## **SOBRE AS AUTORIAS:**

**Marijara Souza Queiroz, Universidade de Brasília**

Docente no Bacharelado em Museologia da Universidade de Brasília – UNB .  
E-mail: [marijara@unb.br](mailto:marijara@unb.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4713-536X>

**RECEBIDO em: 12/12/2020**

**APROVADO em: 25/01/2021**